

Manuel Pedro

Singelas pala-
vras em memó-
ria do colega e
camarada de
tantos anos

MORREU um amigo a quem nos uniam quase laços familiares, pois convivemos juntos a maior parte da nossa existência.

Construir serenamente duas frases acerca da existência de M. Pedro é tarefa difícil para quem viveu, quase diariamente, nas últimas semanas, junto do amigo e o viu sofrer até que a vida se apagou no seu corpo.

Conhecemo-nos muito novos, quase desde a adolescência, e o nosso encontro foi o de duas vidas predestinadas a caminharem juntas.

E, assim, foi no seio da antiga Liga das Artes Gráficas do Porto que começámos a contactar e onde sempre vimos M. Pedro activo, cheio de iniciativas, como fogo aceso na primavera da vida, desempenhando vários cargos com saber e dedicação, tais como: Bibliotecário, Secretário da Direcção e Delegado ao Conselho Interfederal da Federação P. dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, destacando-se sempre em grandeza e persistência.

Pertenceu a numeroso grupo de colegas, que atingia as duas dezenas, obreiro e construtor do advento das oito horas de trabalho na indústria tipográfica do país, sendo, ao que me parece, ele e o autor destas linhas, como operários, o derradeiro elo com o passado.

Colaborador permanente e fecundo de todas as publicações específicas da indústria gráfica, tais como: «Revista Gráfica», do Porto; «El Mercado Poligráfico», de Barcelona; «Gráficas», de Madrid, e ainda outras, deu, em segunda época, toda a sua colaboração a «O Gráfico», órgão da Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos e Litó-

grafos, destacando-se, como mais substancial contribuição cultural para as Artes Gráficas, a sua larga bibliografia, constituída por cerca de sete volumes ilustrados e algumas plaquettes reproduzindo conferências, que, pela sua pequena tiragem, se encontram esgotadas.

— // —

Manuel Pedro era de temperamento voluntarioso e dado a sacrifícios, não para proveito próprio, mas em benefício da classe gráfica, que serviu devotadamente, e, assim, foi um dos esforçados componentes de uma equipa de voluntários que durante muitos anos, e até 1930, desenvolveu grande actividade. Sem qualquer remuneração, empunhando o compendioso, de acordo com a missão cultural e orientadora do organismo profissional, procedeu à manufactura, nas suas horas de ócio, e de noite, de várias séries da «Revista Gráfica», na pequenina tipografia que a Liga das Artes Gráficas do Porto possuía então.

Eram assim os homens dessa geração que, vivendo no tempo chamado das «Vacacões Magras», com a sua vontade, o seu querer, supriam a penúria e a falta de recursos de então, custeando ainda da sua bolsa particular as viagens, refeições e delegacias ao serviço da dignificação da sua classe.

Como se espalhou tanta luz naquele regime de voluntariado! Verdadeiros milagres da vontade!

A prodigiosa fecundidade de Manuel Pedro na imprensa não se limitou à profissão gráfica, como expressão artística e económica da sua vida. Também era dado a devaneios literários e so-

ciais, acarinhando ideais de beleza e de perfectibilidade humana.

E assim é que, por alturas de 1924, expôs, de um modo magistral, a sua fé ideológica, de modo insofismável, num pequeno volume (cerca de oitenta páginas), abrindo com uma mensagem e conselhos a seus filhos M. Pedro, José, Deolinda, Mazantina e Ana Augusta, em que diz:

— «A vós, filhos meus, vos dedico as duas primeiras páginas deste meu pequeno livro».

«Quereis saber qual o meu ideal? Lede com a máxima atenção. É o Ideal da minha simpatia. o Ideal da Beleza, da Perfectibilidade humana, que eu desejaria que vos inspirasse, quando chegardes à idade de raciocinar verdadeiramente, por ser o que mais pureza encerra».

«Sereis bons e perfeitos se desprezardes o jogo e a taberna. Todo o indivíduo que se vicia no álcool não passa de um miserável, dum farrapo humano, e o seu fim quase sempre é triste e horroroso.

«Nunca deixeis de prestar a vossa solidariedade aos companheiros desprotegidos da sorte, aos inválidos, aos velhos e às criancinhas.

«Repudiái o luxo, o luxo espaventoso, porque é ele muitas vezes o causador de certas criaturas praticarem acções pouco honrosas para o poderem sustentar.

«Também nunca vos prontifiqueis a vender a vossa consciência por dinheiro nenhum. Quando qualquer farsante, conhecedor da vossa miséria, vo-lo oferecer para fins criminosos, arremessai-lho à cara.

«Desprezai tudo o que for imoral e abraçai de alma e coração o Trabalho».

— // —

M. Pedro era correcto no trato e sobretudo generoso, tão generoso que perdoava as ingratidões dos que lhe fizeram mal e o abandonaram.

Em todas as suas coisas punha vinca persistência, mas não escondia o que nele era nato: uma acentuada timidez, sentimento que por vezes o arrasou a pronunciados paradoxos nos seus conceitos, tanto de ordem sentimental, como moral e artística.

Ocasões houve em que as suas teses, os seus teoremas profissionais, postos em letra de forma, não eram a expressão do seu sentir, mas sim a chispa acalentadora do fogo da discussão e agitação dos problemas da arte.

M. Pedro, sendo já uma sombra do passado, um dia, aí por Janeiro deste ano, aproveitando a minha visita, muito simplesmente, como em vulgar conversa de banais assuntos profissionais, chamou os filhos, e ditou algumas determinações insofismáveis quanto ao seu funeral, na previsão de breve desenlace.

O nosso bom amigo já então aceitava o inevitável e ditava a lei reguladora da sua última viagem, como já havia previamente indicado, com o testemunho de vizinhos amigos, o local, o pequenino e humilde recanto da casa que habitava, onde seria colocada a urna com o seu mirrado corpo.

Simples na vida, Manuel Pedro quis ser simples também na morte.

E a vontade foi-lhe carinhosamente feita, não sendo de esperar outra coisa dos familiares e amigos, como manifestação de profundo respeito pela sua obra, pela sua memória e pela sua vontade.

Porto, 30-3-1956.

A. TEIXEIRA DE ARAÚJO

Trabalhadores requisitados ao Commissariado do Desemprego

Por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, de 20 de Setembro de 1955, foi esclarecido que o despacho de 25 de Julho de 1950, que excluiu da previdência os subsidiados do Commissariado do Desemprego, não é aplicável aos trabalhadores requisitados ao mesmo Commissariado, no terceiro ano de requisição, em que a remuneração está totalmente a cargo da entidade patronal.

MANUEL PEDRO

por A. GARIBÁLDI

FOMOS levar até à sua última morada, no cemitério do Prado do Repouso, o corpo frio de Manuel Pedro, que foi um espírito gentilíssimo que se impôs por um somatório de virtudes muito raras no nosso tempo e nesta sociedade.

Era um cavaleiro do ideal, que realizou na vida estes conceitos: foi um cidadão exemplar, um amigo dedicado e excelente, um técnico com pergaminhos de magister, um espírito ávido de curiosidade e de saber e, finalmente, um generoso coração.

Homens destes enchem a vida — e fazem falta à vida.

Como cidadão, pautou sempre a sua conduta de harmonia com a sua consciência; como amigo, era vê-lo dar-se em atenções e dedicação, alma de escol que só soube granjear simpatias e dar muito da sua simpatia envolvente; como artista, todos sabemos que foi um mestre da arte a que se deu, que nobilitou e engrandeceu; como estudioso, temos o testemunho actuante e constante da sua actividade literária, especializada e técnica, que cultivou fecundamente, legando à posteridade os seus vastos conhecimentos de artista probo, de técnico consagrado, conhecimentos que enfeixou em numerosos e valiosos livros que escreveu nas suas horas de folga, tão necessárias ao seu descanso; finalmente, como generoso coração que era, podemos afirmar que poucos o excederam na sua bondade ingénita, de perfume sentimentalismo cristão, alma lavada vivendo sob o impulso de ilusões lindas — porque no fundo Manuel Pedro era também um romântico.

Tive eu, tivemos nós, a felicidade de conhecer a grandeza da sua alma de idealista e de lutador — homem que trabalhou quase até aos últimos dias da sua vida, ensinando, lutando, enriquecendo a arte em que era doutor e morrendo pobre.

Vi-o há poucos meses, no passeio das Cardosas, arrastando a sua velhice melancólica, vendo passar o mundo, preso talvez a ideais lindos e longínquos que um dia floriram na sua alma, como aparições quiméricas. Era já uma sombra. Foi o último abraço que lhe dei.

Sombra que amou a vida, que a embelezou, a que se deu como só se sabem dar as almas puras, sonhando... sonhando... sonhando...

Esta sociedade que Manuel Pedro agora deixa não foi, com certeza, aquela que o seu coração boníssimo visionou — visão que fez do seu coração uma pérola perante a vida e perante os homens.

Agora, que ele atirou à terra, para o banquete dos vermes, esse boníssimo coração que vibrou no seu ser, fique-nos a certeza, neste derradeiro adeus que lhe demos, de que se Manuel Pedro deu à vida um coração de pérola — é porque na verdade só assim a vida pode e deve ser vivida, para ser grande, e ser nobre, e ser pura...

INSCREVA-SE NA SUA CAIXA DE PREVIDÊNCIA, TANTO QUANTO POSSIVEL, NA DATA DO SEU PRIMEIRO DESCONTO.



DESAPARECEU

NÃO querendo deixar de estar presente no momento em que O Gráfico regista o falecimento de Manuel Pedro, não me alongarei, todavia, atendendo a que sendo natural que este número do Boletim se ocupe largamente do desaparecimento do extinto confrade, outros colaboradores realçarão, seguramente, em justos termos, a memória do homem que tanto dignificou a profissão.

Limitando-me a encarar, por agora, o artista e o lutador sindical, direi, sob o primeiro dos aspectos em referência, que embora Manuel Pedro residisse no Porto e eu em Lisboa, como se dava a circunstância de pertencermos ambos à mesma geração (pois tínhamos quase idêntica idade), sou, dentre os operários gráficos da capital, um dos poucos que de longa data conheciam tanto o artista como o militante da extinta Liga das Artes Gráficas do Porto.

Relativamente às excepcionais faculdades de artista de Manuel Pedro, comecei por admirá-las através duma das melhores publicações periódicas lançadas por tipógrafos portugueses: a Revista Gráfica, que foi editada, já há muitos anos, por aquela Liga e de que o extinto colega era um dos mais assíduos e dos mais brilhantes colaboradores. Quem tiver compulsado essa excelente revista verificará que não exagero.

Acrescentarei que havia ao tempo, no Porto, um grupo de artistas de escol, entre os quais recorro os nomes de Manuel Ardions, José R. Gonçalves, Rodrigues Martins, Francisco da Silva Pereira, António Teixeira, Alexandre de Miranda, Manuel Ribeiro, etc. Todos enobreceram a profissão, mas Manuel Pedro sobressaiu, porque às suas comprovadas aptidões técnicas aliava uma outra particularidade: a de en-

UM GRANDE SEMEADOR

sinar a executar, o que viria a fazer, infatigavelmente, até ao fim da vida.

Era um autêntico pedagogo da tipografia, e, como tal, não limitava a sua acção ao local onde trabalhava, mas ampliava-a às outras oficinas, ou melhor: à classe inteira, visto que se servia de todos os meios para divulgar os conhecimentos que sucessivamente ia adquirindo. E quando o não fazia por intermédio da revista ou do jornal, recorria à conferência pública ou ao livro, assim se explicando que atinjam mais duma dezena as brochuras que lançou, isto sem contar com as que tinha prontas a publicar, entre as quais, segundo me comunicou poucas semanas antes de morrer, figurava uma em que se ocuparia do livreco que, com Gonçalves Piçarra, editei sobre revisão de provas tipográficas.

Quanto à sua actividade como militante sindicalista, também a folha-de-serviços de Manuel Pedro é das mais honrosas. Podendo, à semelhança do que fizeram outros, ter, nos tempos em que gozava de boa saúde, ócios repousados, entendeu que devia dar à extinta Liga das Artes Gráficas uma assistência aturada, o que fez, durante muitos anos, não só como componente das direcções do organismo corporativo, mas também como seu bibliotecário — um bibliotecário que não se limitara a pôr os livros nas estantes, mas que forcejava por que fossem manuseados e lidos pelos cole-



POETAS GRÁFICOS

(Continuação da pág. 14)

Homero — Célebre poeta grego, autor da *Iliada* e da *Odisseia*. Velho e cego, andou de cidade em cidade a recitar os seus versos.

Vitor Hugo — O mais illustre poeta francês do século XIX, senão de todos os tempos. Durante

gas, sempre na ânsia de que estes se valorizassem profissional e intelectualmente, ânsia que o dominou até ao fim da vida.

Aos predicados que caracterizavam Manuel Pedro há que adicionar um outro, que revela funda bondade: sempre que nos seus escritos — que tantos foram — se referia a colegas, desde que se lhe afigurasse que gostavam da profissão, que pretendiam enobrecê-la, distribuía-lhes, com uma profusão desconcertante, adjectivos assaz encomiásticos. Assim, os mais frequentes qualificativos que dava a um quidam como eu eram os de talentoso e uma jóia... Não o fazia por lamechice, mas por gentileza, sempre no propósito de encorajar os confrades a que procurassem secundá-lo na tarefa de valorizar uma profissão que serviu não apenas com amor, mas com devoção inultrapassável, com alma de apóstolo — apóstolo laico.

A sua abnegação não foi, porém, galardoada, como aliás é correntio nos tempos que decorrem. Dos seus últimos patrões, não obstante haver sido ele quem lhes valorizara as oficinas, só nos primeiros tempos recebeu ínfima assistência material. Pelo que concerne aos seus confrades — ai de nós! — deixaram-no morrer à míngua. Valeram-lhe os amigos «de verdade». Nanja nós-ouiros.

Profundamente triste!

ALEXANDRE VIEIRA

mais de cinquenta anos produziu poemas em todos os géneros: odes, sátiras, baladas, líricas, e epopeias. Foi estrênuo defensor da liberdade; passou dezoito anos no exílio e só voltou à sua Pátria depois da queda de Napoleão III, a quem combateu violentamente (1802-1884).

Lamartine — Ilustre poeta francês, autor de *Meditações poéticas* e de *Harmonias poéticas e religiosas*.

Milton — Célebre poeta inglês, autor do imortal poema *Paraíso Perdido*.

Sá de Miranda — Ilustre poeta coimbrão. Viveu alguns anos em Itália e, regressado à Pátria, introduziu na poesia portuguesa o decassílabo, o soneto, os tercetos e a oitava rima, usados pelos grandes poetas italianos.

Shakespeare — O maior poeta dramático da Inglaterra. Autor de *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Rei Lear*, *Othello*, etc., consideradas como obras-primas.

Tasso — Ilustre poeta italiano. Autor de *L'Amadigi di Gaula*, obra imortal. Sofreu ingratidões e morreu pobre.

Deixemos ficar para último lugar Guerra Junqueiro, notável artista do verso.

O autor de *a Morte de D. João*, *a Musa em Férias*, *a Velhice do Padre Eterno*, *os Simples*, *Pátria*, etc., nasceu em Freixo de Espada à Cinta, em 1850. Possuidor de ardente imaginação poética e de admirável veia satírica, a sua excepcional Musa pode ser considerada uma das mais belas.

Guerra Junqueiro não foi somente brilhante na poesia, foi-o também na prosa, porquanto escreveu, neste última género, páginas de requintada beleza literária.

Era mordaz, áspera, satírico, e, como defensor do ideal republicano, o príncipe dos poetas lusitanos chegou a ser chamado ao Tribunal para responder por uma frase que dirigira ao rei, publicada em *en-tête*, num dos jornais da época.

MANUEL PEDRO (PAI)



MANUEL PEDRO (PAI)

COM a morte de Manuel Pedro (Pai) desaparece um dos vultos de maior projecção no meio gráfico português.

Culto, estudioso e amante da sua Arte, como poucos, Manuel Pedro (Pai), pode dizer-se que se dedicou, inteiramente, ao culto das Artes Gráficas, com a devoção e o carinho que um verdadeiro Artista dedica ao exercício do seu mister.

Além do mais, que é muito em quase meio século de exercício profissional, formando gerações de novos artistas, deixou toda uma vasta obra de carácter didáctico, onde se revela, acima de uma competência

a toda a prova, uma integridade de carácter e uma idoneidade de Pensamento que, só por si, bastariam para o impor como um verdadeiro Mestre.

No último decénio da sua vida — vida que nunca lhe correu fácil de bens materiais, porque a adversidade se compraz em torturar os homens de valor — Manuel Pedro (Pai), impossibilitado do exercício da profissão, quase cego, à beira da indigência, jamais deixou de dedicar à sua querida Arte aquele anseio, aquele acrisolado afecto que lhe abriram o caminho da Posteridade.

Mal com os homens, por amor à Profissão, e mal com a Profissão por amor dos homens, valeu-lhe, nesta emergência cruciante, além do muito carinho dos seus familiares, a amizade indefectível dos bons amigos de sempre, entre os quais é justo destacar a figura prestigiosa do director deste Boletim. Ainda há bem pouco tempo, Tomás de Aquino da Silva nos dava, verdadeiramente compungido, a triste notícia de que Manuel Pedro (Pai) se achava à beira do túmulo.

No ano pretérito, num breve peregrinar por terras do País, estivemos no Porto, em busca da residência do Mestre, para o conhecermos, pessoalmente, para o abraçar e para lhe dizermos do nosso muito apreço, respeito e admiração pela sua Vida e pela sua Obra. Em consequência de endereço errado e por via do pouco tempo de que dispúnhamos para permanecer na Capital do Norte, não nos foi dada essa satisfação.

Surpreendeu-nos, agora, a infausta notícia da sua morte. Com ela, a eterna justiça, Manuel Pedro (Pai) deve ter resgatado todo o seu sofrimento físico e moral.

Mas, se os Homens passam, as ideias ficam, e Manuel Pedro deixa, atrás de si, um rasto luminoso de inapagável fulgor, através do muito que sofreu a bem da sua Arte.

E o seu espólio valioso, difícil de suplantar, quer em qualidade, quer em quantidade, ficará para a Posteridade como um exemplo perene, como padrão imorredoiro de quanto pode a vontade de um Homem ao serviço de um Ideal — o trabalho honesto e honrado, semente benfazeja do pão de cada dia.

Daqui, destas colunas, onde tantas vezes fulgiu o seu talento, lhe endereçamos o nosso sentido adeus, certos de que, por muito tempo ainda, a sua personalidade perdurará, no meio gráfico português, como um símbolo inalterável, que nem o egoísmo dos homens nem a ampulheira do Tempo conseguirão diluir.

E esta terá sido, indubitavelmente, a maior consolação para o Homem, para o Artista, para o Mestre.

CARLOS MENDES DAS NEVES

O HOMEM E O MESTRE



UM MESTRE QUE DESAPARECE

NO dia 18 do passado mês de Março, às 15 horas, recebi um telegrama com os seguintes dizeres:

«Faleceu meu Pai».

Devido, como é de supor, ao embaraço de momento e às lúgubres circunstâncias, não vinha assinado, e confesso que a princípio fiquei embaraçado, chegando a pensar que o telegrama não fosse para mim, mas reconheci que o endereço estava certo, como sendo o meu. Com maior serenidade verifiquei que vinha do Porto, lembrando-me logo que a triste ocorrência diria respeito ao querido Mestre Manuel Pedro (Pai).

Há muitos anos que me correspondia com o amigo pessoal — o Mestre.

Quando o prezado amigo teve conhecimento da minha grave doença — que desde Junho passado me tortura com a paralisção do braço esquerdo —, logo se apressou a saber do meu estado.

Estive quase a desaparecer primeiro que o Mestre, mas, graças a Deus, ainda me foi possível viver para poder escrever estas mal alinhavadas palavras em homenagem póstuma àquele que era venerado pelos gráficos sensatos, cujos méritos foram elogiados durante a sua existência.

Com o desaparecimento de Mestre Manuel Pedro perdem as

Artes Gráficas portuguesas um dos grandes valores que as enriqueceram com prosa brilhante. Dotado de muita inteligência, deixou, como poucos, uma vasta obra, reveladora de altos conhecimentos e aperfeiçoamentos técnicos.

Endireito o corpo e reparo que nas prateleiras da estante dos meus livros estão nove volumes da sua autoria. E é provável que o número ainda seja maior.

A vasta obra que legou à posteridade, sobre Artes Gráficas, é não só valiosíssima, mas representa muito trabalho e vasto capital dispendidos em prol do bem colectivo. Exerceu uma actividade que tenho o dever de registar e agradecer à sua memória.

Que a alma do trabalhador incansável descanse na Paz do Senhor são os votos sinceros do seu amigo de Coimbra

A. CARVALHO

AGRADECIMENTO

A Direcção do Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Offícios Correlativos do Distrito do Porto, agradece muito reconhecida a todos os prezados Colegas e entidades particulares que se dignaram enviar-lhe telegramas e cartões de condolências pelo falecimento do seu saudoso consócio Mestre Manuel Pedro, especialmente aos Colegas da «GRÁFICA BOA NOVA», de Lisboa, e ao seu sócio-gerente Sr. Luís da Cunha de Oliveira.



A MORTE DE MANUEL PEDRO



UMA DAS ÚLTIMAS FOTOGRAFIAS
DE MANUEL PEDRO (1955)

A infausta notícia correu célere de Norte a Sul do País. Morreu Mestre Manuel Pedro! As Artes Gráficas estão de luto, e de luto estão os seus amigos e camaradas, que tanto o estimavam, quer pelo seus predicados morais, quer pela grande capacidade intelectual e profissional do malogrado artista gráfico.

Manuel Pedro, que se finou

com 67 anos de idade, vinha, há longo tempo, sofrendo de uma pertinaz doença, que, embora não o impossibilitasse do exercício duma actividade tanto do seu agrado — escrever sobre técnica tipográfica —, o impedia, todavia, de exercer a profissão.

Aliás, a doença coincidiu quase com o encerrar da oficina onde trabalhava há longos anos.

Autor de inúmeros estudos sobre problemas gráficos, fez muitas conferências sobre a mesma matéria, dando assim satisfação à sua grande paixão: o ensinamento dos novos.

Foi colaborador assíduo e dedicado de «O Gráfico», onde publicou muitos dos seus melhores estudos.

As artes gráficas perdem em Manuel Pedro um dos seus mais dedicados cultores, que em todas as manifestações de vitalidade da Arte de Gutenberg se evidenciava.

A sua morte consternou profundamente todos os artistas gráficos, e o funeral constituiu uma profunda manifestação de pesar.

O seu corpo foi a repousar numa campa humilde como ele, no cemitério do Prado do Repouso, acompanhado por muitos

(Continua na pág. 7)



A MORTE DE MANUEL PEDRO

(Continuação da pág. 4)

amigos e admiradores, que quiseram patentear-lhe, no último momento, a sua muita estima.

De entre as inúmeras pessoas que acompanharam Mestre Manuel Pedro à sepultura, destacaram-se o Director de «O Gráfico», Tomás de Aquino da Silva, Presidente da Federação dos Sindicatos Gráficos; Abel Ventura Duarte, Presidente do Sindicato do Porto e Tesoureiro da Federação; Arnaldo de Sousa, Presidente do Sindicato de Lisboa; José dos Santos Calixto, do Sindicato de Coimbra; António Rodrigues da Rocha, Presidente da Secção Regional do Norte do Grémio dos Industriais de Tipografia; Dr. António Emílio de Magalhães, director da Liga de Profilaxia Social; Engenheiro Mário Pacheco, director da Escola Industrial Infante D. Henrique; Engenheiro Marques Abreu, que representava, também, seu Pai, o Mestre Marques Abreu; Serafim dos Anjos, José Constante da Rocha, Alberto Carneiro, redactor do «Comércio do Porto»; colegas gráficos, entre muitos componentes da indústria, e outros.

Dirigiu o funeral o colega e amigo íntimo do falecido, António Teixeira de Araújo, que representava o confrade Alexandre Vieira.

O colega Alfredo David, colaborador de «O Gráfico» e dele-

gado Sindical na Régua, fez-se representar pelo presidente do Sindicato do Porto, colega Abel Duarte.

No cemitério, e numa sentida manifestação de pesar, o Presidente do Sindicato do Porto proferiu o seguinte discurso:

«Silêncio!

Morreu Manuel Pedro!

Morreu o grande Mestre da Tipografia!

Morreu o Mestre que, tanto no Norte, como em todo o País e até no estrangeiro, era por todos estimado e venerado. Pelas suas conferências e pelos diversos e valiosos livros publicados sobre tecnologia gráfica, Manuel Pedro impôs-se à consideração de todos os gráficos e de todos aqueles que o conheciam e com ele privavam de perto.

Os novos, a juventude de hoje, a quem ele tanto ensinava, perdem muito com a morte do tipógrafo ilustre.

A Biblioteca Municipal do Porto, que recebia quase diariamente a sua visita, onde procurava colher úteis ensinamentos para todos nós, perdeu também um dos seus melhores e mais assíduos leitores.

As Artes Gráficas estão de luto com a morte de Manuel Pedro. E a lacuna que se verifica com a sua perda, se não é impossível, julgo-a difícil de preencher.

Manuel Pedro morreu, e aqui, junto da sua última morada, pronuncio estas palavras de saudade em nome do Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito do Porto, do qual foi um precioso elemento; em nome da Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos e Litógrafos e dos Sindicatos congêneres de Lisboa e Coimbra, que se encontram aqui representados pelos seus presidentes srs. Tomás de Aquino da Silva, Arnaldo Henrique de Sousa e José Gomes Calixto, respectivamente, que se deslocaram a esta cidade expressamente para se associarem às últimas homenagens à memória do saudoso e chorado Mestre.

Adeus, Manuel Pedro, o saudoso adeus em nome das Classes Gráficas Portuguesas!

Que Deus tenha sempre em paz a tua alma!»

UM GRANDE Animador

Como é do conhecimento dos leitores deste Boletim, Manuel Pedro, além de artista de escol, foi membro activo da extinta Liga das Artes Gráficas do Porto, tendo feito parte de sucessivas Direcções e havendo sido também devotado bibliotecário do mesmo organismo sindical.

Eis como Manuel Lacerda Pinto, um dos então redactores da excelente Revista Gráfica, de que Manuel Pedro foi dos mais brilhantes colaboradores, apresentava, no número 32 da mesma Revista, em 1933, o insigne tipógrafo:

Manuel Pedro, então, quer pela Associação, quer pela Revista Gráfica, não pode ter sido mais incansável! Tem ido ao máximo! Ambas elas muito e muito lhe devem.

Pela Associação, de há um bom par de anos que ele entranhou em si um amor próprio por ela. Quer-lhe e zela-o como a uma filha a quem se idolatra.

A Liga das Artes Gráficas é a sua preocupação. Fosse ele um nababo que àquela sua filha não lhe faltariam jóias de preço e indumentária de finas sedas.

Ali tem o seu toucador (biblioteca) onde se revê com ujanía, procurando sempre que ele brilhe como o melhor cristal. E é vê-lo, quando ali entra, ziguezagueando por

todos os cantos, e aí daquele que ponha alguma coisa fora do seu lugar! Tem que ouvir! Há anos consecutivos que vem trabalhando como membro da Direcção, sem descanso, pela falta daqueles que tinham obrigação de ali comparecer. Mas ele não desanima: sempre satisfeito. Poderá!

Está à beira da sua menina! Uma vez que os ingratos a abandonam, ao menos está ele sempre presente para auxiliar os seus camaradas. Cumpre o seu dever. Inteligentemente tem exercido vários cargos, explanando com conhecimentos férteis os vários assuntos que surgem a discutir nas sessões da Direcção. Todos os colegas que com ele privam acolhem de bom grado as suas opiniões, sempre sinceras, não titubeando perante tudo aquilo que seja para bem ao sindicato. Assim mesmo, nos momentos difíceis, Manuel Pedro está logo alerta e toda a sua preocupação se encerra ali: Pela Liga, tudo pela Liga. Já pela segunda vez o sindicato sofreu agruras e era vê-lo, monossilabando sozinho, ruminando o seu desgosto e preparando-se para defendê-lo, dando-lhe nós, para o fazer descansar, e mais rapidamente que podíamos, as notícias sobre as conferências efectuadas para salvaguardar os interesses do sindicato. Quando lhe comunicámos, pelo telefone, a solução definitiva do caso



MANUEL PEDRO EM 1933
(Reprodução da «Revista Gráfica»)

(reabertura da sede), o que fizemos imediatamente, por conhecermos a sua impaciência, recebeu a notícia com tão grande satisfação que até a sua alegria bem a sentimos através do aparelho:

— Parabéns, parabéns, um grande abraço!

Tal foi a sua exclamação. O que não sabemos é se ele abraçou o auscultador... julgando que éramos nós...

Mal saiu da oficina, para o sindicato se dirigiu, e era vê-lo com que já percorria todas as dependências, certificando-se de que tudo estivesse nos seus lugares e que o mau tempo não tivesse avariado os seus haveres.

Assumi, então, uma responsabilidade, que alguns talvez se arrecessem de pôr sobre os ombros, mas ele, como a sua Liga lhe é muito querida, não olhou para trás, declarando afortunadamente, em plena Assembleia Geral, tê-la aceitado desassombradamente, assim como os colegas Afonso Ribeiro, Aníbal Meira e Mário Ferreira da Silva. Honra lhes seja!

Esta é para os anónimos, de quem nunca ouvi falar e que agora se estão a salientar aleivosamente com a Associação, ou com os seus dirigentes.

Senhores associados que não frequentam a Associação, mas que estão sempre prontos à ratice: ponham ali os seus olhos. Aparentam às assembleias, tomem conhecimento e depois... ratem, se forem capazes. Perdoem-me os camaradinhos este pequenino desabafo; mas tais pancadinhas me têm ferido os tímpanos, que são verdadeiras ingratidões! Há tempos, numa rápida visita que lhe fez o seu grande amigo D. Ricardo Marr, mui digno director do excelente colega barcelonense El Mercado Poligráfico, era vê-lo, cheio de chieira, e fundadas razões tem para isso, a mostrar-lhe a sede do nosso sindicato. Quando D. Ricardo lhe teceu sobremaneira os melhores elogios pela excelente sede que possuímos e pelos seus haveres valiosos, isso então é que ele inchou... Até nós jariam os mesmo em tal caso. Pela Revista, então, é o que lêem, o que vêem e o que não vêem. Um verdadeiro amor próprio, também. Os seus artigos são discernidos quase tão-só sobre técnica — aulas de instrução para os novatos e para muitos velhotes também —, ensinamentos e boa disposição aos trabalhos a executar. Quer pelo seu embelezamento, quer pelo seu aspecto gráfico, ele tem procurado apresentá-lo à classe o melhor que pode, o que, estamos certos, raro haverá quem tal fizesse, pois já temos visto jornais da especialidade confeccionados de tal forma que

não honram nada a Tipografia. Todo o encarregado técnico deve ser assim: bom gosto e meticulosidade. Parabéns, pois a Manuel Pedro.

Pena é que toda a classe não reconheça os sacrificios que se fazem para sustentar a Revista, porque, se assim fosse, seria sua assinante, o que daria um grande impulso para a sua Direcção a poder elevar ao nível das nossas congéneres estrangeiras, como a Cron. do México; El Mercado Poligráfico, de Barcelona; Graphicus, de Torino (Itália); Mecanotipia, de Buenos Aires, etc., que são um primor em ilustrações e com elevado número de páginas.»

Jogos Culturais dos funcionários da Carris

O Grupo Desportivo da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, em colaboração com a revista «Lisboa Carris» e com o patrocínio da F. N. A. T., realizou os 1.º Jogos Culturais dos funcionários daquela empresa, apresentando cerca de 300 trabalhos, de muito merecimento, que estiveram expostos desde 30 de Janeiro.

Em Artes Gráficas obtiveram: o 1.º prémio, o nosso colega Olímpio Gonçalves, já premiado na Exposição efectuada por ocasião do 1.º centenário de Libânio da Silva, e, em encadernação, o primeiro prémio foi entregue ao colega Miguel Nunes dos Reis.

A exposição, que esteve muito concorrida, foi inaugurada por Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social.